

**CISMAS:  
ALGUMAS CANÇÕES E O TEATRO DO MUNDO**

*Iran N. Pitthan (UNIPLI e UCAM)*

Há pessoas que, ao ouvirem determinada música, elegend-na como “a sua canção” e fica evidente que, em instantes de sentimento exacerbado, alegria, dor, paixão, *hybris*, condicionaram determinada melodia ou letra a uma situação singular. Algumas canções “acontecem” quando determinados sentidos estão aflorados.

A música pode nos trazer a calma, mas também pode mexer em fios dotados de outras sensações. São sentimentos quase sempre bem escondidos, guardados deliberadamente pelo medo de ousar, que o novo é sempre assustador, ou pela preguiça de encarar o audacioso movimento da vida. E, se assim acontece, perdemos nosso sossego.

Quando tais sensibilidades são expostas, nossos olhos e ouvidos ficam ainda muito mais ponderados, atentos ao que se faz real, e é aí que algumas vezes temos a oportunidade de expurgar o impulso restritivo de nos negar aos fatos. De qualquer maneira, se nos lançamos ao abismo do novo ou se nos negamos a enfrentar esse mergulho, ficamos sempre irrequietos diante das evidências.

Não digo que haja “a canção”, digo que há “canções”. Muitas povoam nosso imaginário, enraizadas em nossa memória servem como bálsamo e luxuoso auxílio para reflexões. Isso não se dá somente durante as pulsações de felicidade, mas também em questões adversas, pois ajudam a traduzir dores sempre escondidas, que não conseguimos externar com naturalidade. É cultural a consciência de que o forte não deve chorar, nem perder o controle, nem reclamar dos dissabores.

Além dos momentos em que o silêncio é a grande linguagem e apenas o que cabe, vetando qualquer possibilidade do som, é inegável a necessidade de sonoplastia na vida, para endurecer ou para comover, e confesso ser quase incontrolável fazer certas co-

nexões, às vezes ilegítimas, entre momentos e canções. Algumas funcionam como música-tema e permitem manter vivos, na memória, certos derrames de sentimentalismo, uns bem românticos e folhetinescos, outros com teor libertário, alguns ainda que tomam um declive depressivo, além das tantas e ousadas encenações que o homem se permite em nome dos mais variados interesses.

### A IRREAL ORDEM DAS COISAS

Um olhar direto, sem subterfúgios, ao atual sistema social nos permite perceber as tintas vivas com que se compõe esse grande picadeiro, como a ordem natural das coisas se desfaz e como as bases das relações perdem a validade.

O mundo é um grande curral, onde as forças físicas, intelectuais e espirituais travam um embate quase sempre prejudicial e subtrativo. O indivíduo, jogado nesse processo da sobrevivência diante da lei do mais forte, não tem parâmetros que diferencie o certo do errado e como um fantoche é varrido por um grande pincel, manipulado por um destino cruel que não lhe é permitido mudar. Nem às necessidades primárias, lamentavelmente, há digna satisfação.

Nosso cotidiano é uma pintura que oferece uma visão escarredadora da humanidade e nos remete ao pintor belga James Ensor, o principal precursor do expressionismo e do surrealismo, que em uma de suas obras de maior destaque, a *Entrada de Cristo em Bruxelas*, de 1888, substitui os rostos por máscaras de carnaval. E é também, o cotidiano, um picadeiro de constantes surpresas, onde os títeres se debatem.

Essa conjunção entre verdade e desvio determina um forte caráter de grotesco, manifestação de grave crise vital, imposta por poucos numa cadeia descendente, em que o mais humilde ganha o papel mais dramático e a cor mais ridícula.

Deixamos de ser Homem para sermos uma representação em um mundo de máscaras e aparências. Demonstramos compor-

tamento hipócrita e nos transformamos em patéticos e caricatos atores, o homem macaqueando o próprio homem, lembrando a ansiedade e os limites de espaço e tempo, como na metamorfose proposta por Kafka ou nos rinocerontes apresentados por Ionesco.

Ironicamente, *Caetano Veloso canta que* “alguma coisa está fora da ordem, da nova ordem mundial”<sup>3</sup>. Quando a informação se faz em tempo real, apresentando espetacularmente as tristezas por satélites e cabos de fibra ótica e, diversamente, as soluções ainda são encaminhadas em carroças puxadas por bois, podemos afirmar que tudo é caótico e que, grotescamente curraleiros, vivemos uma ordem apenas aparente na busca de satisfação de desejos urgentes.

## O DESAFIO DE SUPERAR A TEMERIDADE AO NOVO

A vida exige decisões. Viver é um exercício cruel de refazimento, um constante processo de transformação de tudo, sempre pontuado pelo medo do fracasso. Gianfrancesco Guarnieri, em *O Botequim*, espetáculo teatral escrito em 1973, mostra, de forma tensa, a angústia humana diante “daquilo que ronda”. Para a peça, escreveu uma letra, musicada por Toquinho, chamada *Canção do Medo*<sup>4</sup>, na qual traduz a grande agonia do homem diante do seu exercício mais simples, o viver:

(...) Medo, tenho medo, muito medo / quando vem a vida e obriga a gente a se decidir

Medo, tenho medo, muito medo / de enfrentar a sorte e a má sorte eu tenho medo de sentir (...)

Viver é tensão. A peça de Guarnieri é atenção ao desconhecido, ao iminente: um assassino. E o futuro, vida ou morte. Também é tensão e atenção diante do que se conhece ou daquilo que se supõe, o que na repetição pode se fazer surpreendente: uma tempestade, uma partida, uma chegada. O cobrir, o descobrir, o redes-

---

<sup>3</sup> Fora da ordem, de Caetano Veloso, LP: *Circuladô*, 1991.

<sup>4</sup> De Toquinho e Guarnieri. Gravada por Marlene, LP: *Te pego pela palavra*, 1974.

cobrir.

O homem trilhou os caminhos mais diversos para alcançar o conhecimento que o liberta e o aprisiona. O conhecimento determina uma mudança no comportamento humano e se faz como um jorro de luz, o instante da fecundação. Conhecimento e sensibilidade são representados por Minerva, a protetora dos sábios/sabedores e dos artistas/descobridores. Na mitologia, a deusa tem dupla função: iluminar e fecundar. A posse do saber gerou a consciência que gerou a angústia, como num moto-contínuo, e a eterna insegurança ao entender que o *saber* é um sem-fim, rio infinito passando e se modificando, sempre trazendo o novo. Quanto mais se sabe mais se quer saber e a consciência torna-se cada vez mais aguda, depurando os fios nervosos das sensibilidades.

O medo é o mote para todas as grandes audácias e todas as realizações. Cada tomada de posição, cada porta aberta, cada grande grito, tudo é motivado pelo medo. Qualquer ato de extremada bravura não é nada mais do que uma reação a algum tipo de ansiedade. Não só o portador de fobias, aquele que se esconde, o que nega, é conhecedor desse comportamento irracional que o leva a ter uma aversão irreprimível. A coragem, a intrepidez, a ousadia, que levou muitos indivíduos ao pódio, aos títulos, ao reconhecimento como herói, sempre precisou de uma pulsação, um movimento, algo desconfortante que fatalmente está fundamentado em uma pequena, ou mesmo grande, inquietação.

Lidar com a própria vida, com o cotidiano, requer razão e emoção equilibradas, é luta constante entre a coragem e a falta dela, aplicadas à capacidade de realizar.

Aí, eu fecho os olhos / Tranco a porta / Calo a boca pra me guardar.

(...) Aí, eu fecho os olhos / Tranco o riso / Calo a boca pra prosseguir.

O grandioso drama de cada um pode parecer ridículo para o outro, mas apenas quem experimenta sabe o peso da tomada de uma decisão e a dificuldade de um passo a ser dado. O ato-não e o ato-sim, negação ou consumação, fuga ou assunção determinam comportamentos. E o que há mais para se temer?

## SERÁ O HOMEM UM OBJETO MANIPULÁVEL?

Quando um indivíduo é acometido por um desejo, e se se permite usufruir as energias que advêm daí, a seguir encontra dois caminhos distintos: pode enrijecer-se, ser racional, senhor de suas sensibilidades, com total e aparente domínio de si, negando-se a comunhão, ou pode permitir-se os desvios da paixão.

A segunda hipótese apresenta duas outras possibilidades: ou compactuar com o objeto eleito – imagem, cheiro, fantasia, dois corpos formando um Todo; ou tentar as rédeas da posse em galope solitário nos caminhos de um prazer, ainda mais desviante, que exige um reflexo narcísico. Essa imagem, o eu-outro, tende a transmutar-se em realidade.

Então, apoderando-se do outro para assegurar-se do alcance do gozo, estabelece-se um perigoso jogo que permeia as fronteiras esfíngicas do prazer e da dor, bem e mal ditos. Jean-François Lyotard aboliu toda realidade que não fosse fluxo do desejo, “ça jouit partout”, tudo goza, goza-se por toda parte.

Em *Um copo de cólera*, novela de Raduan Nassar, um verdadeiro tratado sobre a incomunicabilidade entre um chacareiro de meia idade e uma jornalista jovem e liberada, percebe-se claramente a luta entre lei e desejo, autoridade e liberdade, ordem e dissolução, numa violação clara dos padrões conservadores. Nas relações de amor, o ódio tempera as emoções e cada um dos protagonistas assume a posição necessária para que a brincadeira se estabeleça. Cada um é, alternadamente, o instrumento e/ou o depósito do prazer de ambos, com permissão mútua, enquanto jogo aceito.

O indivíduo da narrativa de Nassar luta com sua antagonista porque, de alguma forma, ela é quem lhe acende os desejos diferentes e o transforma num desses outros homens – o eleito. Ela aguça suas taras e desperta surpreendentes devires. Num momento, ele é o animal, o macho que se insinua e baila devidamente

(des)adereçado, expondo o seu fora coberto e prometendo o seu dentro nu, jogo paradoxal, audacioso exercício de poder. Cede um pouco e depois cobra todos os juro na subjugação do outro, intelectual e sexualmente. Transforma-se no iniciador da mulher no prazer erótico. O canalha aflora e estrebucha, é o mais torpe e sórdido, é conduzido e conduz sua vítima por caminhos novos, pratica atividades clandestinas em busca de todos os prazeres e não tem dúvidas quanto à exposição das contradições do caráter.

O amor veste-se de bem e de mal e mostra a face através desse personagem e da sua necessidade de poder. Cada estímulo determina reação específica. Está, também, no movimento dos olhos, do corpo, no físico, no movimento dos quadris, na bofetada, no despir-se, no expor-se e no negar-se. Ele é o pilantra, o fascista, o monstro, o brocha, o próprio ator em carne viva – em absoluta solidão, sem platéia, sem palco, sem luzes – o culpado e o inocente, o devasso e o puro, o desatino e a sensatez, a chaga e a cataplasma, o cancro e a cicatriz, o câncer do corpo e a cura da alma. Todos os personagens, todos os tipos possíveis e imagináveis, todas as composições, terminando com o menino carente que finge que dorme, aquele enorme feto.

Após o derrame da cólera e, logo depois da saída da mulher, até o momento de calma e de sua decisão pelo retorno ao local de embate, em total desassossego, quase podemos ouvir sua voz, remoendo a raiva, a cantar o cruel blues dos Garfunkel <sup>5</sup>:

Estrebucha, baby, me dá prazer te ver assim  
Estrebucha, baby, eu já te dei demais de mim  
(...)  
Estrebucha, baby, por tudo que você desfez  
Estrebucha, baby, eu sei de toda a insensatez...

A tese de Bertold Brecht é que o homem é um objeto manipulável, transformável, que se pode montar e desmontar. Virar do avesso. O ambiente e as circunstâncias é que implicam o movimento do indivíduo, suas intenções, e que o fazem se modificar

---

<sup>5</sup> De Jean e Paulo Garfunkel, gravada por Zizi Possi, LP, *Estrebucha, baby*, 1989.

por inteiro, da limpidez à maldição. E após transmutação, o enfrentamento do agora: o agora é o novo, um eu desnudo.

## PRECONCEITOS E JUSTIÇA FALHA

Enquanto os homens exercem seus podres poderes  
Índios e padres e bichas, negros e mulheres, e adolescentes  
Fazem o carnaval.  
Queria querer cantar afinado com eles  
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase  
Ser indecente, mas tudo é muito mau.<sup>6</sup>

A história da humanidade é permeada por violações aos direitos humanos e atrocidades. Tudo em nome de valores socioculturais, religiosos e pessoais. O homem, em nome de poderes nada sãos, ousa toda sorte de desmandos. E, quanto mais poderoso, mais só, monologando encantado e compondo vaidosamente um semblante que o deixe capaz de enfrentar o público.

Sempre houve governantes convencendo diferenças que implicariam diretamente no grau de intensidade do seu poder. Esses representantes sempre acharam conveniente estabelecer a distinção entre classes, hierarquizando os ditos civilizados e subordinando os supostamente bárbaros. Tal comportamento evidencia a laceração do sagrado princípio da igualdade, desconhecendo quaisquer valores culturais.

A equidade – disposição de reconhecer o direito de cada um, sentimento de justiça, puro, inerente, avesso a critérios de julgamento ou tratamento rigoroso e estritamente legal – deve ser reconhecida como um dos pilares de sustentação dos direitos humanos. A rejeição desses valores abre brechas para que se enraízem o racismo, a homofobia, a xenofobia, as diferenças religiosas, o sexismo e tantos outros disfarces do preconceito. A negação do outro, a preconização das diferenças, culminam em morte e destruição em todo o mundo.

---

<sup>6</sup> Podres poderes, de Caetano Veloso, LP: *Velô*, 1984.

Essas diferenças, experiências marcantes e dolorosas, já foram largamente testemunhadas por todos em perversas demonstrações: o colonialismo, a escravidão e o tráfico de escravos, o tratamento dispensado pelos israelenses aos palestinos – como ato discriminatório, e as diversas formas de intolerância contra a mulher e sua natureza.

A segregação é um espetáculo longo e cada vez mais mal-acabado, sonorizado por gemidos. Os rejeitados, engelhados com suas esterilidades, estarão sempre expostos nesse grande palco, o espaço da dissimilitude, onde a iluminação determina cores e os ângulos determinam valores.

A UNESCO estabeleceu o ano de 2005 como o “Ano Internacional em Comemoração às Lutas Contra a Escravidão e sua Abolição”. No Brasil, a SEPPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial anunciou que o governo brasileiro dispõe-se a sediar a Conferência Santiago+5, uma Reunião Preparatória da América do Sul e Caribe para a *IV Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*.

Na *III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância*, em Durban, África do Sul, no período de 31/agosto a 07/setembro/2001, patrocinada pela ONU, a reflexão já se fez: como podem ser minimizadas tantas diferenças, se estamos sempre tentando mensurar aquilo que deve ser apenas respeitado? Espaçosos, seguimos. Globalizados e sós. Ou nem tão sós, porque

Enquanto os homens exercem seus podres poderes  
Índios e padres e bichas, negros e mulheres, e adolescentes  
Fazem o carnaval.



## SOLIDÃO E COMUNHÃO: ENCONTRO COM MUSAS

Em toda a trajetória do homem, é no teatro que podemos reconhecer um dos maiores momentos de comunhão. Convivem, no espetáculo teatral, a magia da palavra e a enlevação da música, ambas acompanhadas do movimento do corpo, em oscilações leves ou vigorosas, e do êxtase, incitado através das irradiações da luz que cria estímulos alucinantes nas cores e nas formas. Nessa caixa mágica, cada ação provoca reação, os nervos se aguçam, o espírito se alimenta, o instante mais sublime floresce e a poesia se faz.

É importante lembrar que lá no início, já encontramos a união da música com o poema. Desde a Grécia Antiga, esse foi o meio de intensificar as sensibilidades, o conhecimento, o prazer e a comunhão com o *kosmos*. E, dentro do templo de todas as artes – o teatro – música e palavra encontram-se totalmente libertas, seguem seus próprios cânones e os transgridem às vezes, sem a censura elitista de intelectuais nem a incompreensão do homem simples.

O componente dramático faz com que a palavra e a música se transformem em parceiros, sem que nenhum tenha maior ou menor valor. Um poema lido e uma canção cantada são dois fenômenos diversos, mas existe entre eles um elemento comum que é a voz, que sempre estará emoldurada pelo gesto.

Os encontros e os desencontros da palavra com a música atravessam a história, desde o *dithyrambos*. Na Europa, desde muito, havia os histriões, que eram artistas cômicos, e os cantadores estradeiros, os menestréis, que originaram os trovadores europeus. Esses artistas traziam elementos populares, sagrados e profanos, e sua aproximação com a música erudita foi que originou a *Ars Nova*, quando nasceram a balada com estrofe e refrão, o madrigal itálico, a *song* inglesa, a *chanson* francesa e o *lied* alemão. Por volta do séc. XVI, a França retomava a forma grega da poesia cantada. No séc. XVII, o instrumento musical começa a ser reconhecido e

apreciado dando início à construção da arte musical erudita – é a fase harmônica que vem até os nossos dias.

A representação teatral hoje, tal como se apresenta, é o resultado de linguagens várias. No teatro, diversas artes se encontram e se somam para um mesmo fim, o espetáculo, no qual cada elemento é incapaz de valer por si só. Uma das teorias mais conhecidas sobre o assunto é a de Richard Wagner, que pensava numa “arte total”, na qual a pluralidade dos meios de expressão se organizava para unificar os resultados a fim de produzir o “efeito total”. O princípio dessa arte faz subentender que o poder do espetáculo, como efeito, é função direta da quantidade de estímulos despejados, ao mesmo instante, sobre os sentidos do espectador.

De todas essas expressões artísticas, a canção popular é a que mais rapidamente e de forma mais pungente captura o ser. A objetividade de uma letra na informação do sentimento, embalada por melodia por vezes adocicada, numa aparente “simplificação” da obra, encontra resistência dos estudiosos tanto de música quanto de literatura, mas são essas manifestações que povoam e acompanham a realidade dos povos, dores, dramas, desenganos e, também, realizações, festividades, alegrias.

Todos os caminhos são caminhos de encontros e, outra vez, é Caetano Veloso que aponta essa direção em “Errática”<sup>7</sup>:

Nesta melodia em que me perco  
Quem sabe talvez um dia  
ainda te encontre minha musa  
Confusa  
...  
Busco o estilo exato  
A tática eficaz  
Do rock ao jazz  
Do lied ao samba  
Ao brega

Os desencontros ficam por conta da nossa confusão no re-

---

<sup>7</sup> Gravada por Gal Costa, LP: *O sorriso do gato de Alice*, 1993.

conhecimento das musas.

## O DENTRO E O FORA

Em qualquer tempo sempre haverá essa manifestação artística, a canção, para embalar registros emotivos ou servir de fio condutor no resgate de momentos especiais em passados distantes. Em “Qualquer canção”<sup>8</sup>, Chico Buarque bem traduz o enigma da comunhão entre música e teatro, com o homem e seus disfarces costurando significados: “Qualquer canção de bem / Algum mistério tem”. O ouvido, tocado por uma melodia marcante, jamais deixará quieta uma velha emoção. Resgatará, sim, o tal tempo perdido.

A qualquer tempo, alguma pulsação soprará em nossos ouvidos a melodia que um dia embalou experiências, ajudando a esculpir a original máscara em que vamos nos transformando, composta ponto a ponto pelos mais distintos sentimentos: serenidade, ironia, medo, escárnio, atrevimento, amor, tudo traduzido em fundas linhas que, no final e mesmo se dissimuladas, expressam o mais íntimo. “É o grão, é o germe, é o gen / Da chama / E essa canção também / Corrói como convém...”, continua o poeta.

## REFERÊNCIAS

- BRECHT, Bertold. *Teatro Dialético*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*, São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1980.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo*

---

<sup>8</sup> Gravada por Chico Buarque, LP: *Vida*, 1980

Linguagem em (Re)vista, Ano 02, N° 02. Niterói, jan./jun.2005

*e Pessimismo*. Trad., notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo:  
Cia das Letras, 1992.